Notas sobre a aula

“Não há criminosos? Isso é uma fantasia?” pergunta decepcionado o aluno atento e participativo. “Não. Não há criminosos. O que há é pessoas que cometem crimes” responde o professor de sociologia, fugindo à pergunta.

Este episódio pode servir para desconstruir vários preconceitos e ideias feitas sobre a vida em sociedade. E por isso vale a pena dedicarmo-nos a detalhar os sentidos desta brevíssima troca de impressões, altamente densas do ponto de vista moral e teórico.

Perceber o que se passou significa ter uma boa ideia do que seja um criminoso, o que seja uma fantasia e o que sejam pessoas. Na verdade todas estas noções são vagas para a teoria social. Não são objecto de discussão. São antes sujeitas à pressão do senso comum (outro nome dos preconceitos).

Durkheim e Weber corresponderam-se, foram contemporâneos envolvidos num mesmo processo social de afirmação da teoria social na mudança do século XIX para o século XX. Mas o francês criou uma cátedra e desenhou a sociologia como uma ciência particular, específica, diferente das outras, que trata os factos sociais como coisas (sendo factos sociais conceptualizações em ruptura com o senso comum, como o suicídio – que não era uma causa de morte de uma pessoa mas uma regularidade social produzida pelas pessoas que morrem mas também pelas pessoas que vivem e registam – e aceitam o registo – de cada um dos suicídios). Max Weber pensava a sociologia como uma disciplina intelectual e não como uma ciência especializada. História, direito e teologia, por juntam-se para explicar como a ética protestante evoluiu e se transformou em espírito do capitalismo, com as suas normas vigorosas de separação do interesse pessoal do interesse empresarial e social.

Desde o início a sociologia foi, ao mesmo tempo, uma profissão (um papel social) e um estilo de pensamento (um agente intelectual), uma prática e uma essência, uma especialização corporativamente fechada e um modo de produzir argumentos para o debate público. Mas Durkheim e Weber zangaram-se e nunca mais se falaram, sem que se saiba exactamente porquê. Talvez por um ser de esquerda e outro de direita. Um francês e o outro alemão. Ambos cientistas de mérito e políticos falhados.

Passado um século, duas guerras mundiais, duas bombas atómicas, a descolonização, uma guerra fria, a ida à Lua, a implosão da União Soviética e outros eventos extraordinários, a questão permanece: a sociologia é uma ciência por mérito próprio ou será uma ciência na medida em que colhe sabedorias de outras partes para fazer um compósito à medida da sabedoria do artesão mestre que mistura saberes? A sociologia é uma coisa que se pode explicar o que é ou é uma prática indeterminada que ocupa os sociólogos?

A solução mais razoável deste problema foi apresentada por Sedas Nunes nos anos 70: a sociologia é uma ciência pré-paradigmática, isto é, é um projecto de aspiração ao estatuto de disciplina científica. Quarenta anos mais tarde, neste aspecto, tudo continua na mesma. Talvez com a nota de se ter deixado de ouvir falar nessa aspiração.

Um criminoso, voltando agora ao problema inicial, pode ser a designação de alguém que ambiciona vir a sê-lo ou manter o reconhecimento social de o ser. Quem assim pense e deseje não é uma qualquer pessoa. Terá de ser alguém com características especiais, que eventualmente pode ser determinadas sociologicamente, caso alguém se disponha a definir o objectivo de o saber. Entre os estudantes universitários, por exemplo, pode haver alguns que estejam a pensar cometer crimes um dia ou que estejam disponíveis para os cometer. Mas dificilmente o admitirão. Com toda a probabilidade preferirão apresentar-se como aspirantes a profissões positivamente prestigiadas. (Para concretizar o que pode ser um crime de um estudante, admitamos que há quem esteja a enganar o Estado, para sacar bolsas de estudo ilegítimas com base em declaração de rendimentos falsas; ou quem assalte supermercados ou não pague os transportes para ter dinheiro para estudar). Agora entre jovens abandonados pelas famílias, a quem a escola expulsou para as ruas, sem futuro a não ser o prometido pelo mundo do crime (prostituição, tráficos, furto de automóveis para aparecer em discotecas de má fama, etc.) apresentar-se como criminoso (capaz de mexer em armas, dispor de drogas para oferecer ou vender, ser duro no confronto físico, dominar mulheres e outras pessoas indefesas) pode ser uma forma de subir na vida.

|  |  |
| --- | --- |
| Agente | Papel |
| Weber | Durkheim |
| Fenómeno | Coisa  |
| Espírito do capitalismo | Consciência colectiva |
| Vocação  | Tipo-ideal |
| Forma a preencher  | Substancia à procura da forma |
| Acto criminoso | Crime ou criminoso |

Cada ser humana é, ao mesmo tempo, herdeiro da extrema adaptabilidade que os genes estabeleceram para a nossa espécie (demoramos vários anos a ser preparados para nos moldarmos socialmente aos papeis que nos cabem – como disse Bourdieu, adquirimos um habitus que funciona como nossa segunda natureza, embora não seja genética mas sim social) e parte integrante da sociedade humana historicamente existente quando ocorre a nossa vida.

Por exemplo, a mim calhou-me viver uma revolução pacífica na minha juventude. A vós cabe viver uma depressão social prolongada. A outros, como na Síria, coube viver a hecatombe. Que pode cada um de nós contra isso? São condições que se nos impõem e não dependem das nossas acções. Porém, são as pessoas que fazem as revoluções e as guerras. Isto é, como agentes nós podemos definir o nosso destino. Como papéis sociais, cabe-nos cumprir aquilo que os outros esperam de nós. Na verdade fazemos sempre as duas coisas ao mesmo tempo. Somos ao mesmo tempo pessoas individuais (que só vivemos uma vez, temos que nos conformar com o corpo e a mente que temos, e adaptarmo-nos o melhor possível aos nossos familiares e amigos, vocações e oportunidades, limitações e potencialidades: às vezes somos colocados em situações em que somos obrigados a ser heróis – para os nossos pais e para os nossos filhos somos muitas vezes heróis; somos também heróis para quem se apaixona por nós; alguns morrem e são considerados heróis pelo Estado – outras vezes, como acontece com alguns veteranos de guerra, são abandonados pela sociedade. Aconteceu com o Camões, que além de veterano de guerra era um grande poeta. Como acontece com grande parte dos intelectuais e artistas, como também com os revolucionários, enfim todos os que fazem ou dizem o que incomoda o senso comum.

 Voltemos ao princípio: “Não há criminosos? Isso é uma fantasia?” “Não. Não há criminosos. O que há é pessoas que cometem crimes”. A pergunta refere-se à essência de uma pessoa singular. Traduz-se assim: “Há pessoas que são más e são capazes de planear matar ou fazer mal a outras pessoas?” A resposta só pode ser uma: “Claro que há pessoas capazes de fazerem essas coisas assim!”

Porém, o professor quis denunciar o preconceito que justifica a pergunta e, por isso, respondeu contra o senso comum. Mas respondeu a uma outra pergunta, ou melhor, traduziu a mesma pergunta noutros termos: “Temos o direito de condenar pelo estigma as pessoas que não respeitam a lei?” E aqui a resposta politicamente correcta só pode ser: não temos esse direito. A quem as sociedades modernas dão direito a condenar pessoas por crimes que cometeram são juízes dos tribunais criminais. Por respeito a esta instituição, todas as pessoas se deveriam impedir de julgar crimes. Como argumentam – mal – alguns sociólogos, só podemos falar de crimes quando essa classificação for certificada por uma sentença firme. Na verdade, para se formular um processo-crime tem de ser produzida uma acusação, uma suspeita de crime juridicamente formulada com base na convicção ou interesse de uma parte em tratar certo acto como criminoso e o seu autor como condenável.

Na verdade, a maioria das violações da legalidade não são condenadas (chama-se a isso cifras negras e são estimadas através do uso de métodos extensivos: inquéritos de vitimação pergunta às populações quem foi alvo de crimes e depois compara-se os números obtidos com as denúncias de crimes chegadas às polícias). Muitas não chegam ao conhecimento das autoridades e a esmagadora maioria das que chegam não são condenadas. Portanto, faz toda a diferença considerar crimes aquilo de que as vítimas se queixam (100%) e aquilo que os tribunais condenam (4% disso). Isto, na prática há muito “criminoso” – a maioria das pessoas que cometeram crimes – que nunca foi julgado e menos ainda condenado. Há muita pessoa que passa a vida a faltar ao respeito à lei e faz disso modo de vida e nunca é incomodada.

Só para dar alguns exemplos: Eduard Snowden denunciou crimes internacionais cometidos durante décadas pelos serviços de espionagem norte-americanos. São milhares os funcionários que, como ele, cometem esses crimes diariamente. Esses crimes de invasão da privacidade foram reconhecidos. Mas quem passa por criminoso é Snowden. Bradley Manning era soldado norte-americano e denunciou crimes de guerra cometidos na Palestina. Foi torturado e condenado pelo Estado norte.americano. Em Portugal, os corrompidos pelos alemães condenados por corrupção na venda submarinos ao Estado português nunca foram julgados.

Criminoso é uma expressão estigmatizante para atingir pessoas de certos grupos sociais, de tal maneira que há jovens desses grupos alvos do estigma social que se antecipam (como os gays se antecipam às críticas e se manifestam “orgulhosos”) e se auto-declaram criminosos antes de serem condenados (o que provavelmente serão, um dia).

Distinguir a expressão/papel social das pessoas sujeitas ao estigma, da definição formalista de que crime será uma desconformidade com a lei e dos agentes criminosos (os mais variados) é fundamental para fazer sociologia.

Uma mulher mal tratada pelo marido que o mata para evitar continuar a ser morta é criminosa? Ou cometeu um crime? Ou agiu em auto-defesa? O julgamento não depende do acto: depende da avaliação que uma autoridade fará do acto. E há muitos homicidas em liberdade: a) os polícias e tropas que já mataram; b) os matadores profissionais, que tem formas de escapar à polícia; c) pessoas que o tribunal não condenou por terem morto; d) pessoas que cumpriram uma pena por homicídio e saíram em liberdade.

Criminoso é um estigma que ninguém merece (a não ser os nosso inimigos). Isso não corresponde a um defeito de carácter mas a um efeito conjugado entre aquilo que se é e aquilo que se foi socialmente conduzido a ser.

A ideia que o mundo moderno faz de si mesmo é muitas vezes apresentada entre um Inferno e um Paraíso, ambos igualmente inexistentes: Hobbes justifica a necessidade do exercício do monopólio da violência do Estado moderno e – ao mesmo tempo – a violência colonial desenhando uma natureza humana perversa e interesseira (mundo de criminosos). Desse ponto de vista se os criminosos estiverem ao serviço do Estado, é melhor do que andarem à solta, sem rei nem roque. Rousseau reconhece na ingenuidade popular a bondade e sociabilidade genética da espécie humana (mundo de anjos) pervertida pela organização social que constrói os lugares de comando que contaminam o caracter das pessoas e as podem tornar más. No mundo real coabitam o melhor e o pior, tantas vezes nas mesmas pessoas. As sociedades (ainda) não geram crianças – têm de ser os corpos das pessoas (ainda não há inseminação artificial e clonagem humana como nas vacas). Mas as crianças e as pessoas em geral dependem muito da sociedade em que vivem.

James Fallon é um neurocientista que ao [estudar psicopatas](http://www.npr.org/templates/story/story.php?storyId=127888976) criminosos percebeu que ele próprio tinha as características cerebrais de um psicopata, mas nunca cometeu crimes.